

Caesb usará aguapé

JORNAL DE BRASÍLIA 14 MAI 1987

para fazer adubos

Os aguapés que estavam poluindo o Lago Paranoá e impedindo o lazer de muitos brasilienses serão bastante úteis para as cem famílias já assentadas no primeiro Combinado Agrourbano de Brasília. Criado em novembro passado, este combinado, que fica na Granja do Ipê, usará como adubo o composto orgânico fabricado pela Caesb através da compostagem de aguapés e lodo líquido do esgoto.

O coordenador do projeto, do Agrourbano Waldemar Gadelha Filho, afirmou que inicialmente usarão o composto para produzir hortifrutigrangeiros, mas o objetivo principal é aplicá-lo na plantação de frutíferas. Waldemar Gadelha não tem dúvidas de que esta experiência será bem sucedida.

— Isto porque o composto da Caesb, segundo análises da Embrapa, tem as mesmas características do esterco de gado, ou seja, rico em nitrogênio, fósforo e potássio, entre outros, que são fundamentais para a lavoura. Outra vantagem do composto é o baixo custo: só teremos gasto com maquinário e mão-de-obra, o que representa uns três mil cruzados por tonelada”, estima Waldemar Gadelha.

O composto também já passou pela análise bacteriológica. A Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental, de São Paulo, não encontrou qualquer patogênico característico de esgoto, como tênia e salmonella, que são prejudiciais ao homem, bem como, os coliformes fecais e totais (dejetos não provenientes de fezes). A porcentagem destes dejetos en-

contrada não chegou a 1%, informou a bióloga Rachel Adesse Mossé, responsável pela pesquisa.

Pesquisa

Com base em experiências do Centro Espacial norte-americano — Nasa e do país asiático de Bangladesh sobre aproveitamento dos aguapés, a bióloga Rachel Mossé, da Diretoria de Controle Ambiental da Caesb, começou em 1979 a pesquisar esta planta.

Na estação de tratamento de esgoto do RCG, os testes dos aguapés confirmaram a experiência da Nasa: são ótimos despoluidores. Só que em grande quantidade, são prejudiciais. Estas pesquisas começaram em 1979, justamente quando o Lago Paranoá começou a viver o pavor de ser tomado todo pelos aguapés, lembra a bióloga.

A solução para este problema só veio em setembro do ano passado com a utilização de uma barca própria para retirar aguapés. As 4.400 toneladas, já retiradas, foram colocadas à margem do lago. E aí, a bióloga usou este material para executar as pesquisas sobre utilização dos aguapés, como adubo orgânico.

Hoje a experiência já entrou em nova fase: decomposição do material orgânico com minhocas. Paralelamente a isto, a bióloga está defendendo o acréscimo do aguapé, transformado em farinha, à ração animal.

Rachel Massé conta que quando esteve na Índia, em 1983, para participar do Congresso Internacional sobre Aguapé, havia um francês que tinha recebido verba do governo para beneficiar a planta como alimento humano.